Laura Bellini

Perdemos o Nosso Próprio Trem

Nem todos os caminhos levam na mesma direção



Perdemos o Nosso Próprio Trem

Nem todos os caminhos levam na mesma direção

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901328

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O preço da última viagem 12
Capítulo 2 - Entre os horários e o desejo 25
Capítulo 3 - Onde o mapa termina 38
Capítulo 4 - O que não aparece nos horários 50
Capítulo 5 - O direito de dizer não 63
Capítulo 6 - Um instante fora dos horários 76
Capítulo 7 - Entre a intimidade e a verdade 88
Capítulo 8 - Do outro lado dos trilhos 100
Capítulo 9 - A última viagem antes do silêncio 113
Capítulo 10 - Quando deixamos de contar os quilômetros 125
Capítulo 11 - A intimidade tem seus limites 137
Capítulo 12 - O documento que faltava 151
Capítulo 13 - Quando o silêncio se torna uma decisão 165
Capítulo 14 - A verdade que é preciso merecer 176
Capítulo 15 - A assinatura na decisão 187
Capítulo 16 - A plataforma sem despedida 200
Capítulo 17 - Com minha própria voz 210
Capítulo 18 - O preço da revelação 221
Capítulo 19 - Todos os caminhos para a verdade 234
Capítulo 20 - O trem que conseguimos pegar 246

INTRO

O trem deveria partir às sete e quarenta e dois. Às sete e trinta e nove, eu estava na plataforma com um copo de café cuja tampa vazava, olhando para o painel eletrônico como se a força do meu olhar pudesse convencer aqueles números a serem um pouco mais gentis.

Havia três anos que eu não perdia um trem. Não porque fosse excepcionalmente pontual. Eu simplesmente tinha aprendido a deixar uma margem de segurança. Vinte minutos para uma conexão, um dia extra para atrasos imprevistos, um plano alternativo caso o primeiro se tornasse impossível. No meu trabalho como autora de guias de viagem, essa cautela era considerada profissionalismo. Na vida pessoal, minha amiga Marta a chamava de medo de surpresas elegantemente disfarçado.

Naquela manhã, em Chur, na Suíça, minha margem de segurança era de três minutos.

— Cuidado, por favor.

Uma voz masculina soou bem atrás de mim. Recolhi o cotovelo, mas tarde demais. O copo se inclinou perigosamente, e um fio de café escorreu pelo meu pulso. Soltei um palavrão entre os dentes.

O homem que quase havia esbarrado em mim parou meio passo adiante. Usava um casaco escuro, tinha os cabelos ligeiramente desalinhados e carregava uma bolsa de couro atravessada no ombro. Parecia alguém que já tinha tomado seu café e não pretendia pedir desculpas ao mundo pela própria existência.

— Você está bem? — perguntou.

— Tirando o fato de que acabei de perder metade do meu café da manhã?

Ele olhou para o meu copo.

— Ainda sobrou a outra metade.

— Um otimista.

— Prefiro dizer que sou apegado aos fatos.

Eu estava prestes a responder com alguma coisa igualmente mordaz quando ouvi o apito. Virei a cabeça. Junto à porta do último vagão, o condutor levantava a mão.

Saí correndo.

O homem correu comigo.

Alcançamos o vagão exatamente quando as portas começaram a se fechar. Apertei o botão, embora soubesse que aquilo já não mudaria nada. No vidro, vi o reflexo do meu próprio rosto: os cabelos escuros escapando do penteado preso, o cachecol vermelho torto sobre o ombro e uma expressão de incredulidade que eu não conseguiria descrever direito nem no diário de viagem mais sincero.

O trem deu um solavanco.

Depois partiu.

Durante alguns segundos, ouvimos apenas o ruído metálico das rodas e o murmúrio baixo do vento passando entre os edifícios da estação.

— Ah, ótimo — murmurei.

— Admito que é difícil chamar isso de um começo bem-sucedido.

Virei-me para ele.

— Se não fosse por você...

— Se não fosse por mim, você ainda estaria parada diante do painel de horários, com um café na mão. Fiquei vendo você ali por uns bons dois minutos.

— Estava me observando?

— O painel acima da sua cabeça. Mas admito que a sua discussão com o relógio era mais interessante.

Eu não deveria ter sorrido. Mas sorri, brevemente, contrariando minha própria irritação.

O homem percebeu. Não aproveitou a oportunidade para fazer outra provocação, o que me irritou ainda mais.

Peguei o celular e abri o itinerário que havia salvado. O primeiro dia de documentação de uma linha ferroviária de montanha que seria fechada após o fim da temporada. Três estações, duas entrevistas, uma série de fotografias e a última viagem disponível pelo trecho mais pitoresco. Tudo organizado com antecedência, pago e confirmado. Dentro de um mês, a editora esperava receber meu material pronto para um novo guia, e eu pretendia provar que, depois de deixar uma grande casa editorial, era capaz de realizar projetos ambiciosos sem precisar que ninguém cuidasse de mim.

Agora, o primeiro item do meu planejamento se afastava em direção às montanhas.

— O próximo sai daqui a uma hora e vinte minutos — informou o homem, consultando o celular. — Mas não vai fazer o mesmo percurso.

Olhei para ele com mais atenção.

— Como você sabe?

— Trabalho com rotas ferroviárias.

— É condutor?

— Projetista.

Ele disse aquilo sem o menor traço de vaidade. Como se projetar linhas que atravessavam montanhas fosse tão corriqueiro quanto escolher o pão do café da manhã.

— Então talvez consiga me explicar por que o horário foi alterado há dois dias, embora o site da companhia ferroviária ainda mostrasse o antigo horário da conexão.

Sua expressão ficou séria.

— Posso explicar alguns dos motivos. Nem todos vão agradar você.

Ele tirou da bolsa uma folha dobrada, coberta de marcações técnicas. Notei um diagrama da linha que atravessava o vale, alguns pontos vermelhos e uma pequena inscrição sobre a avaliação de alternativas operacionais. Antes que eu conseguisse ler mais alguma coisa, ele guardou o documento debaixo de um caderno.

— Você está indo para Bergün? — perguntou.

— Entre outros lugares.

— Nesse caso, talvez tenhamos um problema parecido.

— Tenhamos?

— Eu também perdi esse trem.

— Essa parte eu percebi.

Ele sorriu de verdade pela primeira vez. Não foi um sorriso largo nem ostensivo. Bastou para que a austeridade de seu rosto desse lugar a algo muito mais perigoso para a minha tranquilidade: uma diversão genuína.

— Hubert Maj — apresentou-se, estendendo a mão.

Hesitei apenas por um instante.

— Izabela Markiewicz.

Sua mão era quente, e o aperto, firme, porém breve. Ele soltou minha mão antes que eu sequer pensasse em afastar a minha.

— Markiewicz... Você escreve guias de viagem?

— De vez em quando.

— Li seu texto sobre viajar sem carro pela Baixa Silésia.

Fiquei surpresa. Aquele artigo era uma das coisas mais pessoais que eu já havia publicado. Nele, não descrevia apenas conexões de transporte e atrações turísticas. Escrevia sobre pequenas estações onde as pessoas se cumprimentavam pelo nome e sobre como nem todo lugar precisava de uma rodovia para merecer uma visita.

— E o que achou?

— Que você perdoa os atrasos dos trens com facilidade demais.

Soltei uma risada pelo nariz.

— Acabou de perder a oportunidade de ter uma conversa agradável.

— Mas gostei daquela frase sobre como, pela janela do trem, podemos enxergar coisas que um motorista não teria tempo de perceber.

Não respondi imediatamente. Ele se lembrava de uma frase que eu havia escrito tarde da noite, sentada sozinha em um apartamento alugado, perguntando-me se ainda existia alguém que lesse textos de viagem pelo simples prazer de viajar.

Hubert olhou para os trilhos vazios.

— Se você realmente precisa documentar essa rota, existe outra conexão. Mais lenta, com uma baldeação e um

pequeno trecho de ônibus. Você consegue chegar antes do meio-dia.

— Você também está indo para lá?

— Sim. Tenho alguns pontos para verificar em campo.

— Coincidência?

— Acho que é um mundo pequeno. Especialmente quando continuam fechando linhas ferroviárias.

A última frase soou diferente. Mais baixa, sem a descontração de antes. Por um momento, ele contemplou as montanhas como se soubesse alguma coisa a respeito delas que ainda não quisesse revelar.

Eu podia comprar outra passagem, encontrar uma conexão e seguir sozinha. Era exatamente assim que planejava todas as minhas viagens. Não precisava de um desconhecido, mesmo que ele tivesse uma voz que seria um prazer ouvir durante horas e conhecimentos capazes de salvar meu dia.

Abri o aplicativo. O trajeto que ele havia sugerido realmente existia, mas exigia uma baldeação em uma pequena estação cujo nome eu nunca tinha ouvido.

— Vou conseguir me virar — afirmei.

— Não tenho dúvidas.

Ele não tentou me convencer. Apenas assentiu e começou a caminhar em direção à passagem subterrânea.

Observei enquanto se afastava com passos tranquilos. O casaco escuro se movia ao vento, e a bolsa de couro batia levemente contra seu quadril. Ele não olhou para trás.

Foi então que meu celular tocou.

Na tela, apareceu uma mensagem da minha editora:

"Iza, é urgente. A operadora confirmou que o acesso a algumas das paradas será restringido antes do previsto. Se você não conseguir reunir o material agora, depois pode ser tarde demais."

Li a mensagem duas vezes. Por um instante, tive a impressão de que a plataforma estreita havia se tornado ainda mais apertada e de que as montanhas ao redor do vale tinham se aproximado.

Levantei os olhos. Hubert já estava perto da escada.

— Senhor Maj!

Ele parou.

— Aquele ônibus! — gritei. — Tem certeza de que vamos chegar a tempo?

— Não — respondeu. — Mas conheço uma maneira de aumentar nossas chances.

Ele se virou completamente e esperou.

Guardei o celular, ajeitei o cachecol e caminhei em sua direção. Ainda não sabia se estava disposta a confiar nele. Sabia apenas que, pela primeira vez em muito tempo, meu planejamento cuidadosamente elaborado havia deixado de ser a coisa mais importante do mundo.

Quando parei ao lado de Hubert, ele não me indicou o caminho. Simplesmente perguntou:

— Pronta?

Olhei para seu rosto e depois para a escada que levava à passagem sob os trilhos.

— Para a viagem? Sim.

— E para mudar os planos?

Não respondi.

Porque como eu poderia saber se tinha mais medo de perder outro trem ou de descobrir que, dessa vez, realmente queria ir a algum lugar na companhia de um desconhecido?

Capítulo 1 - O preço da última viagem

O ônibus tinha cheiro de lã molhada, café de máquina e alguma coisa cítrica, provavelmente o produto usado para limpar os bancos. Do lado de fora das janelas, passavam encostas cobertas de abetos escuros e, acima delas, erguiam-se montanhas cujos picos desapareciam nas nuvens baixas. Eu estava sentada junto à janela, com a câmera fotográfica no colo e o caderno de anotações aberto. Hubert havia escolhido um assento do outro lado do corredor, deixando entre nós um espaço que eu não precisava defender. Mesmo assim, a cada poucos minutos eu desviava os olhos da paisagem para verificar o que ele estava fazendo. Examinava documentos no tablet, às vezes ampliava um trecho do mapa, outras vezes anotava alguma coisa com a caneta digital. Ao contrário de mim, não consultou o relógio uma única vez.

— Não incomoda você o fato de estarmos atrasados? — perguntei finalmente.

Ele levantou a cabeça.

— Estamos atrasados para um trem que já partiu. Ainda podemos pegar o próximo.

— Isso não é uma resposta.

— Eu sei. Mas suspeito que a resposta verdadeira também não vai agradar você.

Fechei o caderno.

— Pode tentar.

— Nem tudo que perdemos por chegar tarde está perdido para sempre.

Ele disse aquilo tranquilamente, sem a menor tentativa de atribuir às palavras um significado mais profundo. Foi justamente por isso que, durante alguns instantes, não soube o que responder. Eu não gostava de pessoas capazes de desmontar uma irritação cuidadosamente preparada com uma única frase. Gostava ainda menos de perceber que Hubert aparentemente nem precisava se esforçar muito para conseguir isso.

— Você tem quarenta anos ou oitenta? — perguntei.

— Quarenta. Por quê?

— Porque fala como alguém que já fez as pazes com todas as decepções do mundo.

Ele sorriu, mas dessa vez algo mais sério apareceu em seu rosto.

— Com a maioria. Das restantes, ainda estou cuidando.

O ônibus reduziu a velocidade antes de uma curva fechada. Pela janela, avistei um viaduto de pedra atravessando o vale dezenas de metros acima do rio. Peguei a câmera, mas, antes que conseguisse ajustar o foco, a construção desapareceu atrás de uma parede de árvores.

— Droga.

— É o viaduto Landwasser — explicou Hubert. — Você vai conseguir vê-lo muito melhor do trem.

— Daquele que eu perdi?

— Do próximo. Desde que pare de tentar fotografar tudo pela janela do ônibus.

Lancei a ele um olhar que deveria encerrar a conversa. Em vez disso, Hubert se levantou, aproximou-se e apontou para um pequeno ponto no mapa do meu caderno.

— Aqui. Se você estiver nesse lugar amanhã de manhã, a luz virá do lado do vale. Dez minutos depois do nascer do sol, conseguirá uma fotografia que nenhum passageiro vai tirar de dentro do vagão.

Observei o ponto indicado.

— Não existe nenhuma parada ali.

— Há uma trilha que sai da estrada de serviço.

— Aberta ao público?

— Até o mirante, sim. Depois disso, não.

Eu não gostava de como ele parecia ter uma resposta para cada pergunta. Gostava ainda menos de reconhecer que sua sugestão era boa.

— Obrigada — murmurei, contrariada.

— De nada.

Ele voltou para o próprio assento, como se não esperasse que a conversa tivesse qualquer continuação. Eu, por outro lado, passei os minutos seguintes me perguntando por que havia percebido que ele cheirava a cedro e ar frio.

Chegamos a Filisur antes das dez. O ônibus parou perto de uma pequena estação cercada por montanhas. O ar era mais cortante do que em Chur, e o sol lutava para atravessar as nuvens. Havia apenas algumas pessoas na plataforma. Ao longe, era possível ouvir o característico ruído metálico de vagões sendo manobrados nos trilhos vizinhos.

Hubert desceu primeiro, mas não tentou assumir o controle da minha bagagem. Só parou quando percebeu que eu estava examinando novas mensagens.

Minha editora havia enviado outra informação. A companhia ferroviária local tinha antecipado o cronograma

das restrições. Algumas paradas seriam desativadas antes do previsto no planejamento original. Meu trabalho estava deixando de ser um simples texto de viagem. Transformava-se em um registro de lugares que, em breve, poderiam desaparecer dos horários ferroviários.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Hubert.

— Mudaram os prazos. Tenho menos tempo do que imaginava.

Retirei da bolsa a lista impressa das paradas e a abri sobre um banco. Hubert lançou um olhar para o papel, mas não se inclinou sobre ele sem ser convidado.

— Posso? — perguntou.

Por um momento, considerei recusar. Depois lhe entreguei a lista.

Ele a examinou rapidamente. Ao chegar ao terceiro nome, parou o dedo sobre o papel.

— Talvez você não consiga documentar este ponto a tempo.

— Por quê?

— O acesso à plataforma fica restrito durante os trabalhos de manutenção. Nos próximos dias, vão realizar medições ali.

— Como você sabe?

— Trabalho na análise técnica dessa linha.

Foi a primeira resposta que realmente despertou meu interesse.

— Então você trabalha para a companhia ferroviária?

— Para uma equipe de projetos que colabora com a administradora da infraestrutura.

— E está aqui a trabalho?

— Sim.

Senti a conhecida pontada de cautela profissional. O homem que, pouco mais de uma hora antes, eu considerava um companheiro de viagem encontrado por acaso tinha acesso a informações sobre exatamente a rota que eu estava tentando descrever.

— O que você projeta, exatamente?

— Redes de conexões. Modernizações. Alternativas de utilização das rotas existentes. Às vezes, também soluções para linhas cuja manutenção se torna cada vez mais difícil.

— Inclusive o fechamento delas?

Hubert me observou atentamente.

— Projetar rotas e tomar decisões sobre o futuro delas são duas coisas diferentes.

— Mas uma influencia a outra.

— Naturalmente.

Ele não negou. Sua sinceridade era, ao mesmo tempo, cativante e insuficiente. Dobrei o mapa, sentindo que nossa conversa acabava de deixar de ser uma troca inocente de informações entre viajantes.

— Eu escrevo sobre as pessoas que utilizam essas conexões — expliquei. — Não apenas sobre as paisagens. Quero mostrar o que o fechamento de uma linha realmente significa para as comunidades por onde ela passa.

— Nesse caso, você também deveria conhecer os dados relativos à segurança e aos custos.

— Desde que sejam confiáveis.

— Os dados podem ser confiáveis e, ainda assim, permitir interpretações diferentes.

— Uma distinção conveniente.

— Uma distinção necessária.

Durante alguns instantes, ficamos nos encarando em silêncio. Ele tinha olhos cinza-escuros e pequenas rugas nas têmporas. Não parecia um homem acostumado a fazer concessões facilmente. Eu tampouco pretendia fazê-las.

— Quero perguntar mais uma coisa — continuei. — Se tivesse que escolher entre manter uma rota pitoresca e fechá-la por motivos econômicos, o que escolheria?

— Primeiro, verificaria se essas realmente são as únicas duas possibilidades.

A resposta me surpreendeu.

— E se fossem?

— Então precisaria saber quem arcaria com os custos de cada uma delas.

— Parece sensato.

— Você disse isso num tom que faz a sensatez parecer um defeito de caráter.

— Às vezes é. Principalmente quando serve para justificar decisões pelas quais ninguém quer assumir a responsabilidade.

Por um instante, sua expressão permaneceu imóvel.

— Disso eu realmente não consigo discordar.

Um funcionário da ferrovia, usando um colete refletivo, saiu de um prédio próximo. Ao ver Hubert, levantou a mão.

— Herr Maj! Die Unterlagen sind angekommen.

Hubert respondeu em alemão, de maneira breve e objetiva. O homem apontou para a porta de uma sala técnica e depois olhou para mim.

— A senhora também faz parte da equipe?

— Não — respondi, antes que Hubert pudesse abrir a boca. — Trabalho de forma independente.

O funcionário assentiu e se afastou.

— Isso é importante? — perguntou Hubert.

— Muito.

— Bom saber.

Sua reação tranquila me desarmou antes mesmo que eu conseguisse formular o argumento que estava preparando.

O trem regional chegou vinte minutos depois. Dessa vez, entrei no vagão sem pressa e escolhi um assento junto a uma grande janela panorâmica. Hubert se sentou duas fileiras atrás. Não havíamos combinado nada; simplesmente cada um escolheu seu próprio espaço.

Quando o trem começou a se mover, a paisagem se abriu diante de nós com tamanha intensidade que esqueci o celular. Os trilhos acompanhavam a encosta da montanha. Lá embaixo, estendia-se um vale cortado pela faixa prateada de um rio e, do outro lado, erguiam-se paredões claros de calcário. As poucas casas pareciam brinquedos espalhados pelas encostas verdes.

Tirei fotografias, anotei nomes de localidades e gravei pequenos trechos de áudio. O ritmo característico das rodas nas junções dos trilhos, o murmúrio discreto das conversas, o estalo das portas se abrindo. Eu queria preservar algo além das imagens. O som de um lugar podia trazer uma

lembrança de volta com mais precisão do que uma fotografia.

Em uma pequena estação, uma senhora desceu carregando uma cesta de compras. O condutor a ajudou a colocá-la na plataforma. Antes que o trem partisse, a mulher acenou para alguém que estava à janela de um edifício em frente aos trilhos.

Só tirei a fotografia depois de me certificar de que seu rosto não apareceria.

— É justamente por isso que seria uma pena perder lugares assim.

Hubert estava ao lado do meu assento. Eu não havia percebido quando ele se aproximara.

— Porque as pessoas se conhecem? — perguntou.

— Porque a ferrovia faz parte da vida cotidiana daqui. Não é uma atração turística.

— Para algumas pessoas, realmente.

— E para as outras?

— Para as outras, é uma infraestrutura cara que exige manutenção dispendiosa.

Virei-me para ele.

— Você precisa reduzir tudo a planilhas?

— Não. Mas você também não pode reduzir tudo a uma única imagem comovente.

Suas palavras tocaram em algo que eu defendia com especial determinação. Havia anos que eu lutava contra a ideia de que textos de viagem deveriam ser apenas bonitos. Que bastavam um pôr do sol, alguns cafés charmosos e um título chamativo. Eu, porém, queria descrever lugares reais,

inclusive quando sua vida cotidiana não cabia em um folheto colorido.

— Você não conhece minha maneira de trabalhar — respondi.

— Conheço um dos seus textos.

— Não é suficiente.

— Nesse caso, gostaria de ver mais.

Ele disse aquilo com tanta naturalidade que só depois de um instante percebi o duplo sentido. Hubert aparentemente também percebeu, porque o canto de sua boca se ergueu discretamente.

— Do seu material — esclareceu.

— Naturalmente.

— Embora sua argumentação também me pareça interessante.

Dessa vez, sorri sem resistir.

O trem entrou no viaduto de pedra. Pela janela, vi o vale profundo e depois a curva característica dos trilhos que conduziam diretamente a um túnel escavado na rocha. A luz mudou de repente, refletindo nossas silhuetas no vidro.

Durante um breve instante, vi nós dois naquele reflexo. Eu, com a câmera diante do rosto; ele, em pé ao meu lado, ligeiramente inclinado para não bloquear a paisagem.

Parecíamos quase íntimos.

A ideia surgiu inesperadamente, e eu a afastei com a mesma rapidez.

Em Bergün, um entrevistado previamente agendado me esperava: o proprietário de uma pequena pousada. Eu tinha quarenta minutos antes de precisar voltar para pegar outro

trem. Hubert também desembarcou, mas seguiu em direção ao edifício técnico no fim da plataforma.

— A gente se vê? — perguntou.

— Depende. Você pretende continuar questionando meus métodos de trabalho?

— Só se encontrar algum motivo.

— Então provavelmente vamos nos ver.

Ele assentiu. Por um momento, pareceu querer dizer mais alguma coisa, mas acabou indo embora.

A entrevista aconteceu em uma pequena sala de refeições que cheirava a pão fresco. O proprietário da pousada, senhor Reto, falou sobre turistas que chegavam de trem apenas para passear pela cidadezinha e tomar um café. Também mencionou trabalhadores sazonais, jovens que utilizavam a linha para ir à escola e moradores idosos para quem o ônibus era muito menos conveniente.

— Eles nos mostram números — disse em determinado momento. — Quantos passageiros, quais custos, quanto precisa ser consertado. Mas, quando pergunto como minha mãe vai conseguir chegar ao médico no inverno, ninguém sabe responder.

Anotei suas palavras exatamente como foram ditas.

— Quem mostra esses números?

— O pessoal do projeto. Estiveram aqui na primavera. Depois enviaram documentos.

— Posso vê-los?

Reto hesitou.

— Não tenho a versão completa. Só um resumo.

Ele retirou algumas folhas de uma gaveta. Na primeira, havia uma comparação das alternativas para o funcionamento futuro da rota. Uma delas estava identificada como recomendada, mas os anexos detalhados não haviam sido incluídos.

Fotografei as páginas depois de obter sua autorização.

— O senhor conversou com os autores? — perguntei.

— Com algumas pessoas. Lembro de uma mulher que fazia muitas anotações. E de um homem que perguntou sobre a manutenção dos trilhos no inverno. Não me lembro dos nomes.

Antes de sair, prometi enviar a ele o artigo pronto. Já na porta, parei ao ouvir sua voz atrás de mim.

— Senhora Markiewicz? Por favor, não escreva apenas sobre como este lugar é bonito.

Virei-me.

— Não é o que pretendo fazer.

Quando voltei à estação, Hubert estava perto do painel de informações, conversando ao telefone. Falava em polonês, num tom baixo e firme.

— Não podemos tratar todos os trechos da mesma maneira. Os dados sazonais não mostram toda a demanda.

Ele me viu e encerrou a ligação.

— Tudo bem? — perguntou.

— Acabei de ouvir uma coisa que não aparece na descrição oficial dessa rota.

— Geralmente, essa é a parte mais interessante do trabalho.

Olhei para ele.

— Você também sabe disso?

— Do quê, exatamente?

— Que os números nem sempre mostram como as pessoas realmente vivem.

Durante alguns instantes, ele me observou sem sorrir.

— Sei.

Havia algo em sua voz que eu ainda não conseguia identificar.

— Então talvez você devesse me ajudar — falei, antes de conseguir considerar todas as consequências.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Com o quê?

— A compreender essa rota. Não apenas como paisagem, nem apenas como projeto técnico. Quero saber o que estou deixando de enxergar.

Hubert olhou para o relógio e depois para as portas do trem estacionado na plataforma, que se fechavam atrás do último passageiro.

— Posso ajudar — respondeu. — Mas com uma condição.

— Qual?

— Que você não presuma que toda solução técnica é inimiga das pessoas que vivem aqui.

Observei-o durante alguns segundos.

— E que você não presuma que toda história humana é apenas uma anedota que não cabe numa planilha.

Ele sorriu lentamente.

— Parece um acordo justo.

Não apertamos as mãos. Não havia necessidade.

Estávamos frente a frente em uma pequena plataforma alpina enquanto o trem partia em direção ao túnel. Eu tinha consciência de que acabava de concordar com algo que, naquela manhã, não aparecia em nenhum item do meu planejamento.

E que, dessa vez, não se tratava apenas de uma viagem.

Capítulo 2 - Entre os horários e o desejo

Na manhã seguinte, acordei com o som dos sinos da igreja e o cheiro de café que vinha do andar térreo da pousada. Durante alguns instantes, não soube onde estava. O teto de madeira, as cortinas pesadas e a vista dos picos cobertos de neve pela janela me lembraram de que, na noite anterior, eu havia decidido ficar em Bergün em vez de voltar ao hotel maior em Chur.

Eram seis e vinte. Sobre a mesinha estava meu caderno, com as perguntas anotadas, e ao lado dele o celular, exibindo uma mensagem de Hubert.

"O mirante estará acessível a partir das sete. Se quiser tirar fotografias antes da chegada das nuvens, é melhor sair mais cedo. Não precisamos ir juntos."

Li a mensagem duas vezes.

A última frase era característica dele. Hubert sabia oferecer ajuda de uma maneira que não exigia gratidão. Não insistia, não pressionava por uma resposta e não tentava utilizar seus conhecimentos para controlar minhas decisões.

Respondi: "Estarei lá às sete. Mas, se você começar outra palestra sobre os custos de manutenção da infraestrutura, vou deixar você perdido nas montanhas."

A resposta chegou quase imediatamente.

"Aceito o risco profissional."

Sorri para a tela antes de conseguir me lembrar de que tinha trinta e seis anos, um contrato importante para cumprir e pouquíssimo tempo para me envolver com homens encontrados por acaso numa estação ferroviária.

Do lado de fora da pousada, um frio penetrante atravessou imediatamente o tecido do meu casaco. Hubert estava alguns metros adiante, encostado em um muro baixo de pedra. Usava uma jaqueta escura, um suéter cinza e segurava uma garrafa térmica. Quando me viu, endireitou a postura.

— Bom dia.

— Depende para quem. São sete da manhã.

— Nas montanhas, isso já é tarde.

— Em Varsóvia, a essa hora as pessoas ainda fingem que não ouvem o despertador.

— Você também?

— Eu negocio com ele.

Hubert me entregou uma segunda caneca de café. Hesitei.

— Como você sabia?

— Ontem você tomou dois cafés antes do meio-dia. O primeiro, parcialmente, no próprio pulso.

— Essa observação é preocupantemente detalhada.

— Tenho boa memória para as coisas que provocam atrasos.

Aceitei a caneca. O café era forte, amargo e exatamente o que eu precisava.

Começamos a subir pela trilha que passava acima da cidadezinha. O cascalho fino rangia sob nossos sapatos, e o ar tinha cheiro de terra úmida e madeira. Hubert caminhava ao meu lado, adaptando o ritmo sem chamar atenção para isso. De vez em quando, apontava trechos da estrutura